

XVIII

Drama na sombra

No encerramento de nossas atividades na noite de 9 de Julho de 1954, tivemos a presença de Jorge, um irmão que nos era desconhecido e com quem tomáramos o primeiro contacto um ano antes.

Mobilizando as faculdades psicofônicas do médium, relatou-nos o seu "drama na sombra", oferecendo-nos com ele preciosos elementos de estudo.

Ouvindo-o, lembramos-lhe a primeira manifestação, em Julho de 1953, quando foi auxiliado por nossos Benfeiteiros Espirituais, através de nosso Grupo.

Apresentava-se como um louco. Sustentava a cabeça entre as mãos, queixando-se desesperadamente, e alegando que trazia o crânio estilhaçado pela bala de revólver com que exterminara o próprio corpo e cujo estampido parecia eternizar-se dentro de seu cérebro.

Regressando ao nosso Grupo com o presente relato, mostra como age sobre nós a Lei de Causa e Efeito. Homicida direta e indiretamente e suicida, torna-se obsidiado pelas suas vítimas, após o crime em que se comprometeu na existência da carne, fazendo-se presa de Espíritos infernais nas regiões inferiores a que desceu pelo suicídio e sómente consegue reequilibrar-se, assimilando com boa vontade o auxílio que lhe foi prestado pelos Espíritos Benevolentes e Amigos.

Importante notar que as suas vítimas, com delitos menores, voltam à reencarnação antes dele e ser-lhe-ão pais terrestres, em futuro próximo, para que, dentro do "carma" elaborado pelo trio, possam os três caminhar unidos nas provações expiatórias com que se redimirão diante da Lei.

Quem agradece com sinceridade traz aos benfeiteiros aquilo de melhor que possui.

Sou pobre vítima do crime e do suicídio que vem depositar em vossas preces uma singela flor de gratidão.

No entanto, para comentar o favor recebido, peço permissão para que minhas lembranças recuem no tempo.

Corria o ano de 1917 e sentia-me um homem feliz entre os mais felizes.

Era moço, otimista e robusto.

Avizinhava-me dos trinta anos e sonhava a organização de meu próprio santuário doméstico.

Anita era minha noiva.

Aqueles que amaram profundamente, guardando, inalteráveis, no peito, a primavera das primeiras aspirações, poderão compreender a floração de esperança que brilhava em minhalma.

A escolhida de minha mocidade encarnava para mim o ideal da perfeita mulher.

Preparávamos o futuro, quando um primo, de nome Cláudio, veio viver em nossa casa no Rio, à caça de estabilidade profissional para a juventude, necessitada de maiores experiências.

Acolhido carinhosamente por meus pais e por mim, e mais moço que eu próprio, passou a ser meu companheiro e meu irmão.

O infortúnio, porém, como que me espreitava de perto, porque Cláudio e Anita, ao primeiro contacto, pareceram-me transfundidos na ventura de velho conhecimento.

Pouco a pouco, reconheci que a criatura querida me escapava dos braços e, mais que isso, notei que o amigo se erguia em meu adversário, porque blasonava de minha perda, ironizando-me a inferioridade física.

No decurso de alguns meses, por mais tentasse distanciá-los discretamente, Cláudio e Anita estreitavam os laços da intimidade afetiva, até que fui apeado de meu projeto risonho — tudo quanto a Terra e a vida me ofereciam de melhor.

Instado para entendimento pela antiga noiva, dela recolhi observações inesperadas.

Nosso compromisso era apenas ilusão...

Andara mal inspirada...

Eu não representava para ela, em verdade, o tipo ideal do companheiro...

Não seríamos felizes...

Melhor desfazer a aliança amorosa, enquanto o tempo nos favorecia visão justa...

Senti-me desfalecer.

Preferia a morte à renúncia.

Entretanto, era preciso sufocar o brio humilhado, asfixiar o coração e viver...

Para vós outros, semelhantes confidências podem constituir uma confissão demasiado infantil, todavia, dela necessito para salientar o benefício recolhido em nossas preces.

Recalquei o sofrimento moral.

Escoaram-se os dias.

Cláudio era filho adotivo de nossa casa, comensal de nossa mesa.

Sentindo-se meu irmão, não suspeitava que um ódio terrível se me desenvolvia no coração invigilante.

Meses transcorreram e a gripe, em 1918, castigava a cidade.

Estendera-se a epidemia e Cláudio não lhe resistiu ao assalto. Caiu sob invencível abatimento.

Fui-lhe o enfermeiro desvelado, no entanto, mal podia suportar o devotamento de que o via objeto, por parte da mulher que eu amava.

Não comprehendia porque se confiara ela a tamanha versatilidade, e, observando-a, firme e abnegada, em torno do rapaz, entreguei-me gradativamente à ideia do crime.

Numa noite de febre alta, em que o doente reclamava maiores demonstrações de paciência e carinho e em que Anita, fatigada, obtivera, enfim, alguns momentos de sono, eliminei todas as dúvi-

das. À guisa de remédio, administrei ao enfermo o veneno que o afastaria para sempre de nós.

Na manhã imediata, um cadáver representava a resposta de meu despeito às esperanças da mulher que me preterira.

A morte, contudo, não conseguiu desuni-los, porque Anita, embora afagada por mim, fêz-se arredia e desconfiada. Parecia procurar em meus olhos a sombra do remorso que passara a flagelar-me o coração. E, apática, desalentada, renunciando ao porvir, rendeu-se à depressão orgânica, que, aos poucos, lhe abriu caminho para o sepulcro.

Revelava-se contente por entregar ao polvo invisível da tuberculose a taça do próprio corpo.

Quando me vi sózinho, sem os dois, mergulhei no desânimo e no arrependimento.

E entre a silenciosa interrogação de meus pais e a tortura interior que passou a possuir-me, esculava-lhes a voz, desafiando-me em cada canto:

— Jorge! Jorge! que fizeste? que fizeste de nós? Jorge! Jorge! Pagarás, pagarás!...

Os dois fantasmas inexoráveis impeliam-me à morte.

Inútil tentar resistência.

Percebia-os em toda a parte, fôsse em casa, na via pública ou dentro de mim...

E o desejo de minha própria exterminação começou a empolgar-me...

Em dado instante, resolvi não mais me opor à tentação.

Meus pais eram bons, carinhosos e devotados.

Não lhes podia dar o espetáculo de um suicídio aberto.

Na manhã fatídica, porém, notifiquei à minha mãe que faria a limpeza na arma de um amigo.

Ela pediu-me cuidado.

Contemplei-a enternecidamente pela última vez.

Aqueles cabelos brancos rogavam-me que eu vivesse!...

Fixei a mesa de escritório em que meu pai,

ausente, costumava trabalhar, e a figura dele visitou-me a imaginação, induzindo-me à calma e ao respeito à vida...

Hesitei.

Não seria mais justo continuar sofrendo no mundo para, com mais segurança, reparar meus erros?

Entretanto, as acusações, em voz inarticulada, martelavam-me o cérebro.

— Jorge, covarde! que fizeste de nós?!

Decidi-me sem detença.

Demandei o quarto de dormir e com o revólver emprestado espatifei meu crânio.

Ah! desde então suspirei por morar no inferno de fogo terrestre que seria benigno comparado ao tormento que passei a experimentar!...

Creio hoje que as grandes culpas nos transformam o espírito numa esfera impermeável, em cujo bojo de trevas sofremos irremediável soledade, punidos por nossa própria desesperação.

Tenho a ideia de que todos os padecimentos se congregavam em mim.

Desejava ver, possuía olhos, e não via.

Propunha-me ouvir qualquer voz familiar, identificava meus ouvidos, e não ouvia.

Queria movimentar as mãos e, sentindo-as embora, não conseguia acioná-las.

Meus pés! Possuía-os, intactos, entretanto, não podia movê-los.

Achava-me na condição dos mutilados que prosseguem assinalando a presença dos membros que a cirurgia lhes arrancou.

Comigo uma vida nova de fome, sede, amargura e remorso passou a desdobrar-se...

O estampido não tinha fim.

Sempre a bala aniquilando-me a cabeça...

Depois de largo tempo, cuja duração não me é possível precisar, notei que vozes sinistras impregnaram contra mim... Pareciam nascer de furnas sombrias situadas em minha alma...

E sempre envolto na sombra sibilante, sentia um fogo diferente daquele que conhecemos na Terra, uma espécie de lava comburente e incessante, vertendo chamas vivas, a se entornarem de minha cabeça sobre o corpo...

Debalde acariciava o anseio de dormir.

Torturava-me a fome, sem que eu pudesse alimentar-me.

Algumas vezes, pressentia que nuvens do céu se transformavam em temporal... Guardava a impressão de arrastar-me dificilmente sobre o pó, tentando recolher algumas gotas de chuva que me pudessem dessedentar...

Mas como se eu estivesse vivendo num cárcere inteiriço, sabia que a chuva rumorejava por fora sem que eu lograsse uma gota sequer do precioso líquido.

E, em meio aos tormentos inomináveis, sofria mordidelas e alfinetadas, quais se vermes devoradores me atingissem o crânio, carcomendo-me todo o corpo, a partir da planta dos pés.

Em muitas ocasiões, monstros horripilantes descerravam-me as pálpebras que eu não conseguia reerguer e, como se me falassem através de pavilhas janelas, gritavam sarcasmos e palavrões, deixando-me mais desesperado e abatido.

Sempre aquela sensação da cabeça a esmigalhar-se, dos ossos a se desconjuntarem e da mente a obstruir-se, sob o império de forças tremendas que, nem de leve, até hoje, minha inteligência poderia definir ou compreender...

De nada me valiam lágrimas, petitórios, lamentações...

Ansiava pela felicidade de tocar algum móvel de substância material... Clamava pela bênção de poder transformar as mãos numa concha simples, a fim de recolher algo do pó terrestre e localizar-me por fim...

Assim vivi na condição de um peregrino eno-

velado nas trevas, até que alguém me trouxe ao vosso templo de orações.

Agora que recuperei a noção do tempo, digo-vos que isso aconteceu precisamente há um ano...

Pude conversar convosco, ouvir-vos a voz.

O médium que me acolheu, à maneira de mãe asilando um filho, era um ímã refrigerante.

Transfundir-me nas sensações de um corpo físico, de que me utilizava transitóriamente embora, deu-me a ideia de que eu era uma lâmpada apagada, buscando reanimar-me na chama viva da existência que me fôra habitual e cujo calor buscava reaver desesperadamente.

Depois de semelhante transfusão de forças, observei que energias novas fixavam-se-me no espírito, refazendo-me os sentidos normais e, então, pude gemer...

Tive a felicidade de gemer como antigamente, de chorar como se chora no mundo...

Conduzido a um hospital, recebi tratamento.

Decorridos dois meses, passei a frequentar-vos o ambiente.

Aprendi a encontrar o socorro da oração e, mais consciente de mim, indaguei por Cláudio e Anita.

Obtive a permissão de revê-los.

Oh! prodígio! reencontrei-os enlaçados num lar feliz, tão jovens quanto antes...

Recém-casados, desfrutavam a ventura merecida... Marido e mulher, haviam reconstituído a união que eu furtara...

Aproximei-me deles com imensa emoção.

A noite avançava plena...

Extático, rememorando o pretérito, reconheci que os dois haviam entrado nas vibrações radioas da prece, passando, logo após, ao sono doce e tranquilo.

Minha surpresa fêz-se mais bela.

Afastando-se suavemente do corpo físico, am-

bos estenderam-me os braços, em sinal de perdão e de amor...

E enquanto me entregava ao pranto de gratidão, alguém que convosco (1) é para todos nós uma irmã devotada e infatigável anunciou-me aos ouvidos:

— Jorge, o novo dia espera por você. Cláudio e Anita, hoje reencarnados, oferecem-lhe ao coração a bênção de novo abrigo!... Em verdade, você receberá um corpo castigado, um instrumento experimental em que se lançará à recuperação da harmonia... A fim de restaurar-se, sofrerá você como é justo, mas todos nós, na ascensão para Deus, não prescindiremos do concurso da dor, a divina instrutora das almas... Regozije-se, ainda assim, porque, neste santuário de esperança e ternura, será você amanhã o filho abençoado e querido!...

Despedi-me, radiante.

E agora, tomado de fé viva, trago-vos a mensagem de meu reconhecimento.

Oxalá possa eu merecer a graça de um corpo torturado e doente, em que, padecendo, me refaça e em que, chorando, me reforçante...

Sei que, para as minhas vítimas do passado e benfeiteiros do presente, serei ainda um fardo de incerteza e lágrimas, contudo, pelo trabalho e pela oração, encontraremos, enfim, o manancial do amor puro que nos guardará em sublime comunhão para sempre.

Amigos, recebei minha ventura!

Para exprimir-vos gratidão nada tenho... Mas, um dia, estaremos todos juntos na Vida Eterna e, com o amparo divino, repetirei convosco a inesquecível invocação desta hora: — "Que Deus nos abençoe!..."

JORGE

(1) O comunicante refere-se ao Espírito de Melmel. —
Nota do organizador.